

ASSOCIAÇÃO

“LE TIREUR FRIBOURGEOIS” DE SANTA MARIA MADALENA



A EMIGRAÇÃO DE SUÍÇOS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

OS SUÍÇOS NA REGIÃO DE NOVA FRIBURGO
(BRASIL)

Uma viagem para o desconhecido e sem retorno: da tradição de emigrar dos Suíços e como isto se faz, uma emigração de mais de 2000 Suíços (a maior parte vinda da Romandie) para o Brasil teve lugar no início do Século 18 e como estes viajantes agüentaram e venceram todas as provações, doenças e outros reveses?

Redigido por E.F.Friedli, para publicação no Web –
site da Associação “Le Tireur Fribourgeois de Santa
Maria Madalena” www.atfsmm.ch

Traduzido para o Português por Alberto Lima Abib
Wermelinger Monnerat, Nova Friburgo (Brasil)

Versão atualizada em 15.11.2010



ÍNDICE

INTRODUÇÃO	2
A EMIGRAÇÃO SUÍÇA É UMA TRADIÇÃO	2
A emigração Suíça durante a época da restauração e após	4
A crise econômica de 1815/1816.....	4
A fome de 1816-1817 e suas conseqüências	4
Os perigos da viagem.....	5
A espera no porto marítimo e seus riscos.....	5
Os perigos da travessia do oceano	6
Da catástrofe ameaçadora à emigração de 1819-1921	6
Negociações no Rio de Janeiro	7
O enviado do Cantão de Fribourg.....	7
O acordo para a colonização	8
Os preparativos na Suíça, para a emigração	8
A viagem	10
De Estavayer-le-Lac até Basiléia.....	10
Sobre o Reno, de Basiléia à Mijl, nas proximidades de Dordrecht	10
A longa espera antes da partida oceânica	10
Os viajantes estão, enfim, no mar	11
A continuação da viagem na busca dos sonhos	12
Enfim a chegada ao paraíso prometido	13
DA CHUVA, PARA A GOTEIRA !!	14
A entrega dos alojamentos e dos terrenos	14
A ordem e a limpeza deverão ser rigorosas	14
A fundação oficial de “Nova Friburgo”	15
A crise.....	15
ADVENTO DA MUDANÇA.....	16
A Associação Suíça de Beneficência quer salvar a colônia.....	16
O Príncipe Herdeiro Pedro garante a continuidade da obra de seu pai	16
Um raio de luz.....	16
O café como salvador da crise	16
TUDO ESTÁ BEM QUANDO TERMINA BEM.....	17
REFERÊNCIAS.....	18
ÍNDICE DAS IMAGENS	19

A EMIGRAÇÃO DOS SUÍÇOS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Os suíços na região de NOVA FRIBURGO (Brasil)

INTRODUÇÃO

No curso dos anos 50 do Século 20, a Suíça foi submetida à fortes ondas de imigração que marcaram nosso país e provocaram discussões acaloradas engendrando igualmente toda uma sorte de xenofobia junto à população após a iniciativa Schwarzenbach. Nenhum tema político sacudiu tanto a Suíça após a segunda guerra mundial quanto a imigração estrangeira em nosso país.

Ainda em nossos dias, como em todos os países ocidentais, nós estamos expostos a uma grande imigração vinda tanto do sul quanto do norte e que provoca um certo medo em relação ao estrangeiro. Procura-se frear a imigração e a posição desfavorável de uma parte da população Suíça faz com que este tema esteja freqüentemente recolocado em questão.

É, portanto, que nós Suíços – conscientemente ou por ignorância da História – nos esquecemos de que não há muito tempo, o rio humano migratório se fazia inversamente. Uma breve olhadela na história de nosso país nos mostra que a emigração de Suíça tinha uma tradição.

Fariamos muito melhor se, em lugar de nos apiedarmos desta pressão migratória, revivêssemos as lembranças de nossa história para ainda melhor compreender o “*porque*” da chegada de estrangeiros em nosso país.

A EMIGRAÇÃO SUÍÇA É UMA TRADIÇÃO

Uma retrospectiva em nossa história nos ensina que a emigração de suíços era, desde longa data, uma coisa completamente normal. Olhando um pouco mais perto se constata que, até o fim do Século 19, esta prática era uma constante na história da Suíça. Gerações inteiras foram obrigadas a se instalar no estrangeiro para viverem e sobreviverem.

Por longo tempo a emigração Suíça foi inevitável, face à disparidade existente entre o volume da população e o potencial dos recursos disponíveis. A desproporção entre a população a alimentar e os recursos alimentares não eram certamente o único motivo, mas seguramente o mais importante.

O resumo seguinte mostra as diferentes formas de emigração, com alguns exemplos no tempo do Ancien Régime (Antigo Regime)¹ e na época da Mediação²:

¹ Durante as guerras napoleônicas (1792-1815) as pessoas se referiam ao “Ancien Régime”, na Europa, a época antes da Revolução Francesa de 1789.

² A época da Mediação marca a parte da história Suíça entre 1803 e 1813, após a mudança da “República Helvética” em “Confederação Suíça”, 1802/1803.

Emigração temporária		Emigração definitiva	
Soldados a serviço em guerras Estrangeiras	Civis	Europa	América do Norte
<ul style="list-style-type: none"> Entre os Séculos XV e XIX, mais de dois milhões de Suíços estiveram ao serviço de exércitos estrangeiros 	<ul style="list-style-type: none"> Compradores e comerciantes da indústria têxtil e relojoeira, se instalaram mais particularmente nas metrópoles comerciais de Veneza, Milão, Lyon, Marseille ou ainda Paris Arquitetos construíram edifícios em toda a Europa artesãos, limpadores de lareira e artistas partiam temporariamente para o estrangeiro para ganhar seu pão. 	<ul style="list-style-type: none"> 1711: a convite de Frederico II, 900 famílias (a maior parte de suíços-franceses) emigraram para a Prússia Oriental 1767: mais de 300 famílias Suíças emigraram para a Serra Morena, na Espanha 1770/71: Onda de emigração Suíça em direção à Pomerânia (região costeira ao sul do Mar Báltico) 1803/05: a convite do Czar Alexandre I, zuriquenses fundaram em Feodósia, no Mar Negro, a colônia “Zürichtal”³ 	<ul style="list-style-type: none"> 1710: cidadãos do Neuchâtel fundam, nos EUA, a cidade de “Purisbourg”, na Carolina do Sul, e Christophe de Grafenried funda a cidade de “Nova Berna”, na Carolina do Norte 1803: No Estado de Indiana é fundada a colônia vinícola “Vevey” Antes da época da Restauração, são 25.000 Suíços (quase a metade era de Amish⁴) que se estabeleceram nos EUA.

Quadro 1: A emigração Suíça durante o “Ancient Régime” e na época da Mediação

³ Hoje “Solote Pole” [HTTP://de.wikipedia.org/wiki/Solote_Pole](http://de.wikipedia.org/wiki/Solote_Pole) (disponível unicamente em língua alemã)

⁴ Os “Amish” são uma comunidade religiosa cristã – <http://fr.wikipedia.org/wiki/Amish>

A EMIGRAÇÃO SUÍÇA DURANTE A ÉPOCA DA RESTAURAÇÃO⁵ E APÓS

A crise econômica de 1815/1816

O início da época da Restauração ficou caracterizado pela luta da maioria da população Suíça pela procura do pão de cada dia, em face das dificuldades de adaptação às novas relações internacionais.

A escalada do liberalismo econômico teve por conseqüência a concorrência: isto foi a nova regra! Sem o querer, a Suíça ficou à mercê dos produtos mais baratos, sobretudo os da Inglaterra. A importação e a utilização de máquinas britânicas teve por conseqüência aumentar consideravelmente a produção e assim reduzir o preço dos produtos os quais se tornaram mais concorrentes. De outro lado, as máquinas substituíram uma boa parte da mão-de-obra, ocasionando um rápido aumento do desemprego.

Um outro fator foi o protecionismo econômico aplicado via direitos alfandegários. A França foi o primeiro país a introduzir um tal imposto de importação. As conseqüências para a vitalidade da economia Suíça foram catastróficas, porque esta dependia principalmente dos mercados franceses. Assim, a Suíça solicita à França, em março de 1816, transações econômicas livres para os produtos agrícolas e industriais. A resposta veio um mês mais tarde: os franceses, ao retorno do correio, impuseram uma nova lei de direito de mercadorias. Em seguida à este procedimento ultraprotecionista, a economia Suíça foi completamente paralisada. *O desemprego disparou e muitos dos Suíços foram obrigados a buscar seu ganha-pão na América.*

A fome de 1816-1817 e suas conseqüências

Em 1815, em Sumbawa (Indonésia), o vulcão Tambora⁶ desperta e entra em erupção. Quantidades imensas de cinzas se propagam na atmosfera e enfraquecem de tal maneira os raios de sol em volta do mundo que numa grande parte da Europa e da América do Norte o ano de 1816 foi declarado “**ano sem verão**” e este ano marcou como nunca a história. Neste ano de 1816, o trabalho é extremamente difícil e a economia está paralisada. Em meados de junho, em seguida à erupção do Tambora, começa a chover e as temperaturas baixam sensivelmente⁷. *A chuva e o frio persistem, a vegetação sofre e as colheitas fracassam. As conseqüências inevitáveis provocam a rarefação dos víveres e uma inflação de preços ocasionando uma assustadora fome.*

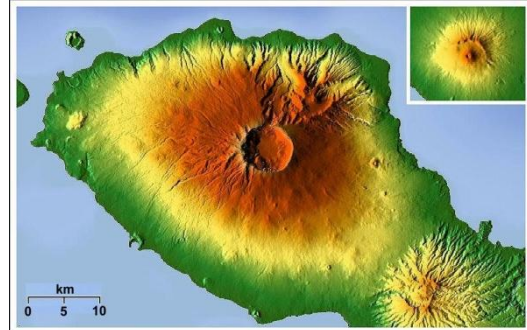


Imagem 1: O Tambora na península Sanggar. No alto, à direita, o Vesúvio perto de Nápoles, na mesma escala, para comparação (Wikipédia, Tambora)

Os cantões agrícolas, como o Cantão de Fribourg, dispunham seguramente de reservas de cereais, mas em quantidade insuficiente para passar o inverno que se aproximava. O Serviço do Estado de Fribourg compra cereais, raízes e legumes secos com os quais o cantão esperava vencer estes tempos difíceis. Ao contrário, nos cantões melhor industrializados da Suíça oriental dizia-se abertamente que a época da fome tinha chegado. *Muitas pessoas foram vítimas*

⁵ A época da “Restauração” é uma época marcada pelo Conservadorismo reacionário, com o qual se restaurou o ideal do Estado, em oposição ao ideal da Revolução francesa; Na Suíça isto durou de 1814 a 1830.

⁶ A erupção do vulcão “Tambora” é a maior registrada nos últimos 10.000 anos (ver a bibliografia)

⁷ Nos EUA, chamam a este ano “*Eighteenthundred and frozen to death*”, o que quer dizer, mais ou menos, “*mil e oitocentos e morte de frio*” (ver bibliografia)

desta fome. Por exemplo, no Cantão de St. Gall, somente para o ano de 1817, foram choradas as perdas de mais de 5.000 mortos!

Uma outra consequência desta difícil situação foi uma nova emigração de Suíços, que malgrado um trabalho árduo, não conseguiam mais ganhar o seu pão de cada dia. É interessante constatar que a causa da emigração de 1816-1817 não era somente em razão da fome, mas também de causa material (como é o caso em nossos dias), sobretudo nos cantões industriais da Suíça Alemã. As correntes migratórias se canalizaram principalmente para a América do Norte (Ohio), onde outros confederados emigrados tinham já se instalado. De maneira característica, a onda migratória de 1816 nos mostra que ela era bem organizada – particularmente na etapa intermediária na Holanda – e sem dificuldades relevantes. Deste fato, pode-se afirmar que os emigrantes dispunham de recursos financeiros suficientes. Já não é o caso em 1817, e nas ondas que se seguiram (como poderemos igualmente constatar nos documentos da emigração para Nova Friburgo).

Os perigos da viagem

Aqui não se vai mais entrar em detalhes sobre as ondas migratórias de 1816-1817, mesmo porque elas não são objeto do presente levantamento. Para melhor compreender os fatos e acontecimentos que se produziram quando da emigração de 1819-1821 para o Brasil, é necessário, no entanto, dar ênfase aos perigos aos quais ficaram expostos, nas diversas etapas da viagem desta época, como a fase que antecedeu o embarque, o início do trecho em direção ao Novo Mundo e a travessia do Oceano.

A espera no porto marítimo e seus riscos

Em lugar do embarque imediato, o problema foi encontrar rapidamente os navios para se fazer a travessia oceânica para o Novo Mundo, isto é, e negociar um contrato de transporte eficaz. Até o início do embarque, os emigrantes deveriam estar alojados e nutridos. Tudo se resumia, na verdade, a uma questão de disponibilidade de recursos financeiros. As sociedades de embarcações (navios) e seus respectivos capitães exigiam, às vezes, somas consideráveis com adiantamentos de 50 a 75% do preço convencionado. Nem todos os grupos de emigrantes estavam em condições de pagar e fornecer os meios necessários para serem alojados e nutridos. Acontecia até mesmo que habitantes abastados do porto tomavam a seu cargo os custos para as rações diárias de pão e queijo, a fim de evitar o pior. Houve até grupos que deram meia volta e retornaram ao país depois que os recursos disponíveis, e mesmo seus bens pessoais, se esgotaram. Alguns capitães sem escrúpulos tentaram mesmo enriquecer às custas dos emigrantes, como foi o caso do capitão Blankmann de Amsterdam. Um grupo de 444 argovienses deveriam mesmo fazer um depósito de $\frac{3}{4}$ da soma combinada no contrato, ou seja um montante de Fr. 53.610,00 mas não chegaram a recolher mais de Fr. 20.000,00. Foi o governo cantonal que providenciou o depósito de uma garantia proporcional, por

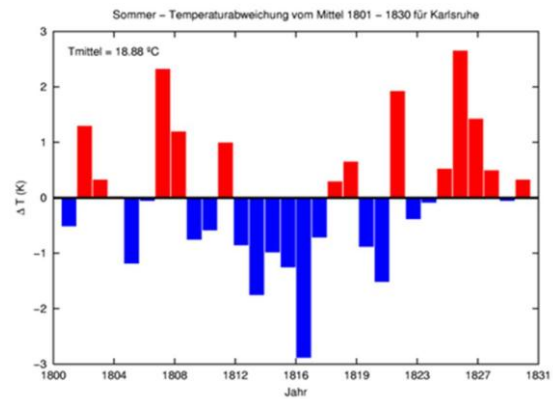


Imagem 2: Diferenças de temperatura entre a temperatura média em Karlsruhe 1801-30; em 1916, como se pode observar, estava 3 graus inferior à normal (Rammacher W. – ver dados sobre as diferenças)



Imagem 3: Dordrecht no delta do Rio Meuse e do Rio Reno, com seus seis rios, foi a etapa de espera dos emigrantes para Nova Friburgo (A imagem mostra Dordrecht da Idade Média) – Dicionários e Enciclopédias Acadêmicos – <http://de.academic.ru/>

pessoa, valor que foi transferido ao Cônsul de Amsterdam. Entretanto, o capitão dispunha livremente de seu navio e sumiu com o dinheiro, não obstante a obtenção de uma decisão da justiça. O grupo se recusou a voltar ao país e sobreviveu graças à generosidade de alguns habitantes ricos de Amsterdam. No fim das contas foram oficiais suíços do Regimento de Bernenses “*de Jenner*” que trouxeram o dinheiro para o embarque.

Um outro perigo esperado no curso desta etapa, respectivamente fase do embarque, foi o surgimento de epidemias que – mesmo antes dos navios partirem, começou a se manifestar – e semeou a morte no seio dos grupos. A falta constante de provisionamentos, muitas vezes reduzidos a pouco ou quase nada, foi outra questão dolorosa que os viajantes tiveram que enfrentar.

Os perigos da travessia do oceano

Uma vez no mar, foram outras surpresas horríveis que surpreenderam os emigrantes, seja:

- Os perigos da navegação (erros de navegação, intempéries)
- Os provisionamentos insuficientes ou completamente estragados, fato causado quase sempre pela ausência flagrante de planejamento, e ainda a avidez dos capitães dos navios ou de suas sociedades de navegação (a consequência foi que um grande número de emigrantes que se dirigiam para Nova Friburgo perdeu sua vida durante a viagem).
- A escravatura: difícil de acreditar e contudo um fato comprovado! Os emigrantes que não estavam em condições de financiar sua passagem foram até mesmo admitidos, mas foram obrigados, durante a travessia, a assinar um contrato. Resumindo, eles deveriam se engajar ao trabalho de um Mestre, por mais ou menos tempo, conforme o caso. Eles foram em seguida vendidos a fazendeiros, assim como as mulheres jovens, como ama de crianças.

ART. 40. *DIVISION de la ration complete ci-dessus en 3 repas.*

1 ^{re} DÉJEUNER, à 8 heures du matin.	VIN ¼ de litre. BISCUIT 5½ onces, ou à volonté. FROMAGE ... 2 onces. ou MIEL 1 . . . ou BEURRE... ½ . . .
2 ^{de} DINER, à midi.	VIN ¼ de litre. BISCUIT 5½ onces, ou à volonté. SOUPE de RIZ, de HARICOTS, de POIS ou de LENTILLES, &c. moitié de la ration complete. BAUF, PORC, MORUE ou STOCKFISCH, moitié de la ration complete; mais la 2 ^{de} moitié destinée au repas du soir ci-après indiqué, sera cuite et distribuée en même-tems que cette première moitié du diner.
3 ^{de} SOUPER, à 5 heures du soir....	VIN ¼ de litre. BISCUIT 5½ onces, ou à volonté. SOUPE de RIZ, de HARICOTS, de POIS ou de LENTILLES, &c. moitié de la ration complete. BAUF, PORC, MORUE ou STOCKFISCH, moitié de la ration complete conservée du diner.

Imagem 4: cabeçalho do documento “Regulamento para a travessia dos emigrantes suíços para o Brasil” (website dos Arquivos de Estado de Lucerna)

DA CATÁSTROFE AMEAÇADORA À EMIGRAÇÃO DE 1819-1921

Em razão dos acontecimentos dramáticos que se desenrolaram entre 1815 e 1817, citados nos parágrafos precedentes, deve-se indagar o que, na Suíça, os governos da nação e dos cantões fizeram para evitar esta catástrofe ameaçadora. Naturalmente que se tinha conhecimento dessas circunstâncias espinhosas, as autoridades tinham-nas discutido. Afora um remanejamento de uma parcela de terrenos da comuna e de terrenos deixados por alguns colonos que deveriam permitir o aumento das superfícies produtivas, nada foi feito para evitar o desastre e as novas emigrações. No fim das contas, tudo foi minimizado, não obstante o advento da crise econômica e da crise de alimentos, bem como o problema da superpopulação. *Na falta de possibilidades de colonização interna, pensou-se em colonização fora do país. O jornal “Schweizerbote”*

publicou mesmo uma proposição assaz extravagante: em 1818, este jornal lança a idéia de se comprar um território em solo americano e lá fundar um 23º. Cantão.

Negociações no Rio de Janeiro

Não se fez isso porque, a esta altura dos acontecimentos, um cidadão fribourgeois partira para a América do Sul, mais precisamente ao Rio de Janeiro para, em nome do Estado de Fribourg, negociar a possibilidade de se instalar uma colônia suíça no Brasil.

O enviado do Cantão de Fribourg

No começo de novembro de 1817, Sébastien Nicolas Gachet, delegado do governo do Cantão de Fribourg, foi enviado ao Rio de Janeiro para encontrar o Rei D. João VI.

Este último havia fugido, em fins de novembro de 1806, nos últimos minutos antes da invasão do exército napoleônico comandado pelo General Junot, para se instalar com sua família real, sua corte, os tesouros da Coroa e com todo o seu acervo de arquivos na Colônia Brasileira. Assim, a partir de 7 de março de 1808, o Rio de Janeiro e o Brasil se tornaram a nova sede da dinastia dos Bragança, ficando Portugal reduzido quase a uma pequena colônia. *A imagem de um grande reino brasileiro necessita agora de um crescimento econômico: produção aumentada e inovações se fazem agora necessárias.* Faltam, entretanto, os profissionais necessários, principalmente a mão-de-obra, já que o mercado dos escravos está em franco declínio. Felizmente para o governo brasileiro, está em andamento um forte processo migratório da Europa em direção ao Oeste.



Imagem 5: D. João VI (tela de Jean-Baptiste Debret) – Wikimedia Commons

È exatamente neste momento decisivo que Sébastien Nicolas Gachet, enviado do Governo do Cantão de Fribourg chega com a carta de recomendação e apresenta ao Rei a sua visão para a expansão econômica e demográfica do Brasil.

Gachet é uma personalidade encantadora com um passado sombrio, mas um comerciante brilhante e um hábil negociador. *Ele explica ao Rei que o Brasil tem necessidade de pessoas conscienciosas, aplicadas, especializadas na criação de vacas mas também nas áreas industriais, como por exemplo a industrialização de têxteis. Na Europa, somente a Suíça é capaz de fornecer emigrantes talentosos e de boa vontade, os quais dispõem das qualidades requeridas e, além de tudo, são de confissão católica-romana.*

E Gachet continua dizendo que existem três vantagens para que o Brasil aceite uma colônia Suíça, seja:

- Do ponto de vista do desenvolvimento agrícola e industrial, as receitas públicas aumentariam consideravelmente
- A evasão de divisas para o exterior, para compra de mercadorias (produtos), seria freada.
- A presença de emigrantes suíços, em seguida à abolição da escravatura e o conseqüente deprecimento da mão-de-obra local, traria uma compensação e novas forças ao trabalho.
- Gachet propõe ao Rei D. João que:
- anualmente cerca de 300 famílias suíças, quer dizer cerca de 2000 pessoas, pudessem ser transferidas ao Brasil.
- Tais contingentes seriam compostos majoritariamente por pessoas competentes, provenientes do setor agrícola, e também artesãos, cuja percentagem poderia ser definida por Sua Majestade.

E naturalmente que haveria condições. Portanto, explica Gachet ao Monarca, que a colônia suíça possa se estabelecer em uma zona de clima temperado e com um acesso fácil aos portos marítimos.

O acordo para a colonização

Após longas tratativas entre o Rei D. João VI e Sébastien Nicolas Gachet, um tratado de colonização é enfim assinado em 11 de maio de 1818. Nesta convenção, o Brasil se compromete a financiar a emigração de 100 famílias suíças de religião católica romana. Esta primeira colônia deveria se estabelecer no território pertencente à fazenda de Morro Queimado, nos arredores de Cantagalo, à 847 metros de altitude.

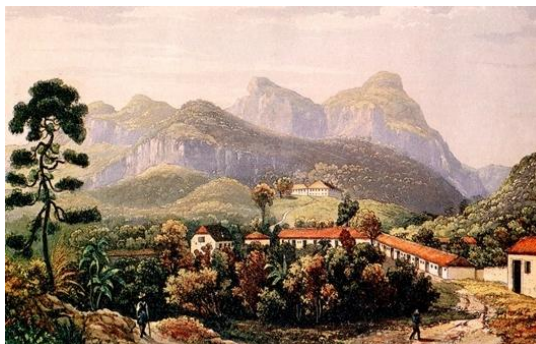


Imagem 6: A fazenda de Morro Queimado à época da emigração (rejanezebende.blogspot.com)

Gachet aceita esta escolha porque a região parecia propícia à agricultura, ao pastoreio, e igualmente para a produção de leite e queijo, e talvez mesmo para a cultura do vinho. Em 16 de maio de 1818, o contrato foi ratificado por Decreto Real e a primeira pedra marcando a futura cidade de Nova Friburgo foi cimentada.

O Rei D. João VI propôs condições bastante vantajosas para atrair os Suíços em seu país. Ele promete aos futuros emigrantes um país de sonho, sem fome, com terras férteis e uma paisagem montanhosa parecendo espantosamente com os Préalpes Suíços. Ele assegurou igualmente, a liberação de pagamento de impostos pelos dez primeiros anos, estabelecendo também uma ajuda a título de subvenção nesse mesmo período de dez anos.



Imagem 7: Sua Excelência Miranda (araduca.blogspot.com)

Sua *Excelência Pedro Machado de Miranda Malheiros*, homem do clero, soldado e magistrado, é nomeado *Inspetor da Colônia*.

Os preparativos na Suíça, para a emigração

Após o retorno de Gachet, o Governo do Cantão de Fribourg ratifica, em 23 de outubro, a convenção da colonização negociada por seu mandatário. Rapidamente todos se põem mãos à obra com vistas aos preparativos à emigração. Os cantões interessados publicaram convocações à toda sua população e numerosas foram as pessoas que se inscreveram:

830	Fribourg	3	Genève
500	Berna	143	Aargau
160	Valais	118	Solothurn
90	Vaud	140	Luzern
5	Neuchâtel	17	Schwiz
TOTAL		2006	EMIGRANTES

Não vamos entrar, aqui, nos detalhes sobre os preparativos. Entretanto, é interessante mencionar que em alguns cantões, e que foi o caso do Cantão de Fribourg, aproveitou-se esta emigração para se desembaraçar dos “*Heimatlosen*” (os chamados “*sem pàtria*”), um capítulo não muito meritório⁸! Em alguns outros cantões, houve igualmente a tentativa

⁸ Nesta época, as pessoas que não tinham domicílio fixo não eram considerados burgueses ou cidadãos de uma comuna. Considerando que o direito de cidadania suíça dependia do direito da cidadania de uma comuna, essa gente não dispunha de qualquer cidadania! Assim, a ausência de

de se desembaraçar de alguns criminosos. Tal prática, contudo, não chegou a alcançar o resultado desejado, porque apenas 16% do contingente migratório se caracterizara como os “*sem pátria*”. Os outros 84% dos emigrados foram, segundo os documentos encontrados, famílias de camponeses e artesãos com seus descendentes. Ao final das contas era preciso dar a este empreendimento boas chances de sucesso, a fim de permitir mais tarde que outros contingentes pudessem emigrar para o Brasil.

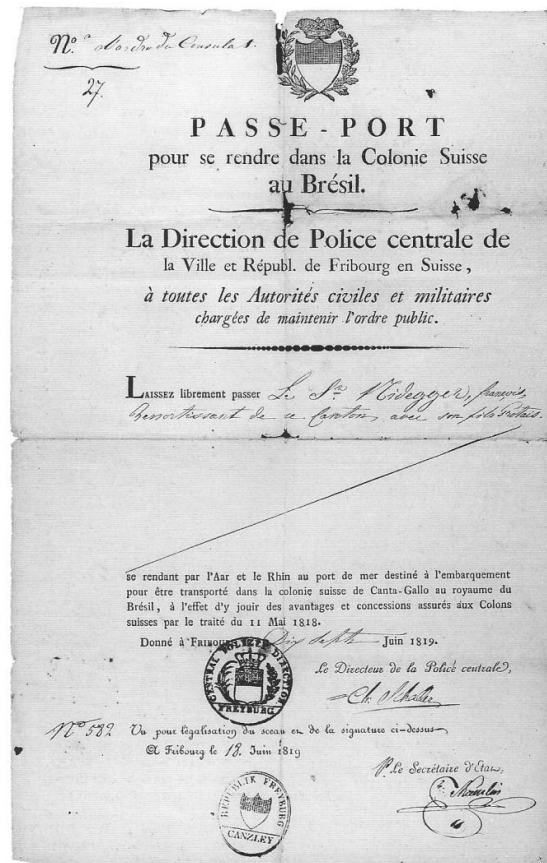


Imagem 8: Passaporte expedido pela Direction de la Police à Fribourg para o emigrante Nidegger e seu filho (Archives de l'État du canton de Fribourg)

cidadania de uma comuna provocava graves conseqüências, pois os direitos políticos, sociais e econômicos de um indivíduo eram atrelados à posse do direito de cidadania. Consultar a propósito o artigo “Heimatlos/Sans patrie” do Dicionário Histórico da Suíça.

A VIAGEM

Fazer um relato com todos os detalhes da viagem deste movimento migratório seria um trabalho imenso que ultrapassaria os propósitos do autor. Por isto, vamos narrar os principais acontecimentos.

De Estavayer-le-Lac até Basiléia

4 de julho de 1819 Estavayer-le-Lac: após uma missa comunitária, o contingente romande despede-se de seus parentes e embarca às margens do Lago de Neuchâtel, atravessa em seguida o Lago de Biemme e segue pelo curso do Rio Aar até o ponto de encontro na Basiléia. É lá que se reunirão todos os contingentes de colonos de todos os outros cantões, para seguir viagem pelo Rio Reno.



Imagem 9: de Estavayer-le-Lac (pintura de autor desconhecido – Musée d'Art et d'Histoire, FR)

Sobre o Reno, de Basiléia à Mijl, nas proximidades de Dordrecht

9 de julho de 1819 Os últimos colonos chegaram à Basiléia e assim o contingente migratório está agora completo. A viagem prossegue por balsas que passam por Colônia para atingir a Holanda.

29 de julho de 1819 Chegada a Dordrecht. Não obstante as promessas recebidas, os viajantes não podem embarcar de imediato, e eles são instalados em acampamentos de primeira necessidade em Mijl, perto de Dordrecht.



Imagem 10: Dordrecht, na Holanda

A longa espera antes da partida oceânica

Os colonos esperam para serem embarcados, mas não há navios. Gachet organizou muito mal a viagem, ele desdenhou a situação dos emigrantes. Estes sofrem em consequência das miseráveis condições dos alojamentos, da água suja do Rio Meuse e da comida deteriorada.

O tempo passa, espera-se desesperadamente pelos navios. Os colonos estão inquietos, tornando-se nervosos e agressivos, muitas são as doenças e já se contam 43 mortos (dos quais 39 em Mijl) desde o início da viagem antes mesmo do embarque marítimo.

21 de agosto de 1819 O último obstáculo antes do embarque é enfim superado: a embaixada luso-brasileira em Paris assume as dívidas que se acumularam no curso deste período de espera.

Os viajantes estão, enfim, no mar

11 de setembro de 1819 Enfim: o primeiro navio batizado de “Daphnée” está pronto. Ele levanta ferros com 197 passageiros a bordo.

12 de setembro de 1819 Três outros navios, o “Debby-Elisa” com 233 passageiros, o “Deux Catherine” com 357 passageiros e o “Urania” com 437 passageiros a bordo se lançam ao mar.

10 de outubro de 1819 Após mais de um mês de uma interminável e fatigante espera, os últimos colonos deixam a Europa a bordo do “Elisabeth-Marie” (228 passageiros), o “Heureux-Voyage” (442 passageiros) e o “Camillus” com 119 passageiros.

Os viajantes estão amontoados uns sobre os outros porque há uma séria deficiência de lugares nos 7 navios. Gachet mais uma vez, não esteve à altura de suas obrigações. E o que é muito mais grave, Gachet enriqueceu às custas do infortúnio dos colonos, alugando navios em quantidade inferior às necessidades.

As condições de vida à bordo são execráveis, o aprovisionamento das rações conforme contratado não são absolutamente respeitadas. Além dos enjoos, as doenças tais como a varíola, o tifo e a malária se propagam rapidamente a bordo. Muitos dos viajantes morrem no mar. Contou-se 311 pessoas mortas durante a travessia.

Depois de todos os problemas, seja a qualidade de construção dos navios, das intempéries e dos erros de navegação, os diferentes comboios tem intervalos de rota tão diversos que o primeiro navio levou 55 dias para chegar, ao passo que o último levou 146 dias para fazer o mesmo trajeto. Esta travessia oceânica foi um verdadeiro pesadelo para os colonos.

Quando os navios finalmente chegaram à Baía do Rio de Janeiro, uma recepção calorosa lhes foi feita. Pão, vinho, frutas e licores lhes foram abundantemente oferecidos. Pela primeira vez em sua vida, os emigrados suíços experimentam gulosamente as laranjas e as bananas, e ficam conhecendo a “cachaça”, esta famosa aguardente de cana de açúcar.

A cada chegada de navio, Sua Excelência Miranda, que tinha sido designado inspetor da colônia, se desdobra para vir saudar os recém chegados, confortando-os o melhor possível.

Os navios chegaram a bom porto, como se segue:

4 de novembro de 1819 Chegada ao Rio de Janeiro do primeiro navio, o “Daphnée”, 55 dias de travessia.

26 de novembro de 1819 O “Debby-Elisa” aporta após 76 dias passados no mar.

30 de novembro de 1819 Após 80 dias de travessia, o Rei D. João VI recebe pessoalmente os passageiros do “Urânia” na sua chegada ao Rio de Janeiro. Ele se entrevista com o Abade Joye, o eclesiástico dos emigrantes, para saber como se efetuou a travessia.

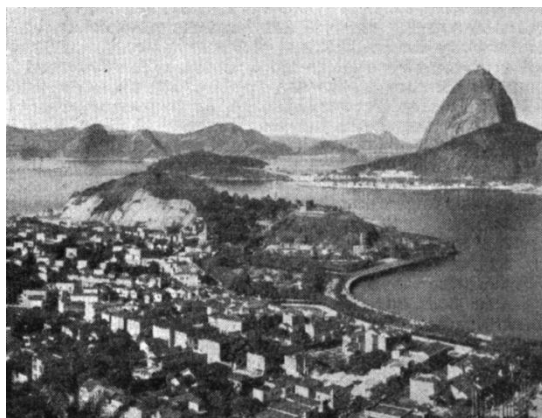


Imagem 11: O Rio de Janeiro no ano de 1820
(designkultur.wordpress.com)

Foi com grande surpresa que o Monarca tomou conhecimento de que houve tantas mortes, bem como das manobras desconcertantes de Sébastien Nicolas Gachet. Gachet não só enganou e usurpou o Estado de Fribourg e o Brasil, mas igualmente os colonos à quem ele roubou dinheiro da viagem entre a Suíça e a Holanda. Ele é igualmente responsável pela longa espera em Mijl. Gachet, aliás, triplicou, por sua própria conta, o número de colonos e contra qualquer das disposições certamente claras, ele trouxe igualmente protestantes junto com os demais viajantes. O Rei põe Sébastien Gachet em desgraça, e este é expulso e não poderá pisar o solo brasileiro.

- 6 de dezembro de 1819** O “Elisabeth-Marie” chega após uma travessia de 57 dias.
- 17 de dezembro de 1819** É o “Heureux-Voyage” que chega ao Rio de Janeiro. Sua viagem durou 69 dias.
- 4 de fevereiro de 1820** Após longa espera antes da partida, é a vez do “Deux-Catherine” de chegar ao porto do Rio de Janeiro. É o navio que levou o mais longo tempo para atravessar o oceano, já que ele levou 146 dias por fazê-lo.
- 8 de fevereiro de 1820** O “Camillus”, último navio da colônia, chega igualmente ao Rio de Janeiro e, 3 meses após a chegada do “Daphnée”.

A continuação da viagem na busca dos sonhos



Imagem 12: A rota fluvial e pedestre utilizada pelos colonos, a partir do Rio de Janeiro, passando por Cachoeiras de Macacu (58m de altitude), para se atingir Nova Friburgo (846m de altitude)

Desde a chegada dos primeiros navios, os preparativos para a continuação da viagem por terra pelo leito dos rios são imediatamente preparados. Cerca de 130 quilômetros devem ainda ser percorridos para se chegar ao destino.

Uma parte do percurso pode se fazer em pequenos barcos através da Baía do Rio de Janeiro e ao longo do Rio Macacú até à altura de Itamby.

A partir daí, a viagem será à pé até o pequeno lugarejo de Cachoeiras de Macacu (57 metros acima do nível do mar) e em seguida pelos caminhos de terra batida através da

floresta (Mata Atlântica), para se chegar ao alto de Theodoro (1079m de altitude), antes de descer em direção à Nova Friburgo à 846 metros de altitude.

Até Cachoeiras de Macacú, o terreno é quase plano, não obstante que os últimos 45 quilômetros, para atingir a fazenda de Morro Queimado (que se tornará Nova Friburgo), sejam bastante montanhosos, com um desnivelamento aproximado de 800 metros. Deixa-se o Rio de Janeiro em pequenos barcos. A floresta tropical muito densa que os colonos devem atravessar é particularmente perigosa. Animais selvagens e as doenças são uma ameaça constante para os colonos.



Imagem 13: As ruínas do mosteiro em Macacú. Ali se instalou um hospital de campanha (dr-sergiosoares.blogspot.com)

O clima não é muito propício neste Novo Mundo e a abundância de chuvas diluvianas deixa certos caminhos impraticáveis, embora o clima do vale do Macacu seja tórrido e sufocante.

Num pequeno monastério de Cachoeiras de Macacú se instala um hospital de campanha para se acompanhar um grande número de doenças. A população local acorre em ajuda dos colonos que lentamente vão se habituando a este novo tipo de vida.

A morte está ainda presente nesta última fase da penosa viagem e serão agora 35 outros colonos que perdem a vida, e não atingirão o objeto de seus sonhos.

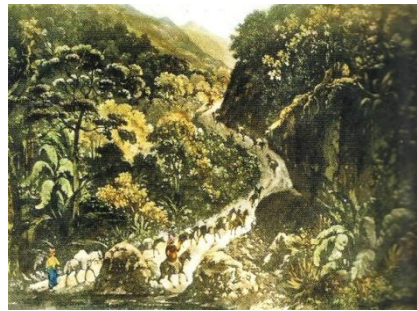


Imagem 14: A rota através da montanha e da floresta tropical (JL Steinmann, Berna – Biblioteca Nacional Suíça)

A partir de Cachoeira de Macacú se empreende a última parte da dolorosa viagem. Aqui não há estradas, senão algumas pequenas trilhas para pedestres. Por isso, é preciso que se abandonem os carros-de-boi e se coloque todo o material sobre o lombo das mulas, onde também são postas as mulheres e crianças.

Enfim a chegada ao paraíso prometido

15 de novembro de 1819 Enfim o primeiro grupo de imigrantes suíços chega ao destino final de seus sonhos. São os passageiros do navio “Daphnée”.

Os contingentes restantes vem vindo, com diferença de 10 a 12 dias, e chegam ao destino na Baía do Rio de Janeiro, a bordo dos respectivos navios. **Os passageiros do “Camillus” serão os últimos a chegar em 18 de fevereiro de 1820.**

Das 2006 pessoas que deixaram a Suíça, somente 1617 sobreviventes chegarão ao destino, por que ainda em Macacú vai se completar a soma de 35 mortos. Dever-se-á, todavia, incluir o nascimento de 14 crianças a este número. Um verdadeiro raio de esperança, que demonstra que a vida continua, com estes bebes que nasceram ao longo do curso da travessia, é o que relata o Abade Joye, em seu jornal de bordo.

DA CHUVA, PARA A GOTEIRA !!

A entrega dos alojamentos e dos terrenos

As casas e os lotes de terreno são distribuídos. Ao longo do Rio Bengala se construiu a cidade de “Nova Friburgo”.

São 100 pequenas casas construídas, todas sem assoalho, sem forração de teto, sem janelas e sem cozinhas.

Infelizmente estes alojamentos postos à disposição não são suficientes. Cada casa abriga, em geral, mais de três famílias, cada casa comportando de 18 a 20 membros, na maior parte de famílias juntadas, que não tem outra solução senão se amontoar umas às outras.

Os lotes de terreno são distribuídos em partes chamadas “*braças*” (uma braça equivalente a 2,20 metros e uma braça quadrada à 4,84 metros quadrados). Acontece aqui o mesmo problema que houvera com a distribuição das casas: não foram suficientes!! Muitas famílias deveriam partilhar as mesmas terras.



Imagem 15: A localização da Colônia de Nova Friburgo

Isto iria ainda se tornar pior: a maior parte desses lotes estava situado em declives abruptos, em terrenos pedregosos e alguns mesmo em rocha firme; outros lotes eram pantanosos ou invadidos por moitas chamadas “*samambaia brava*”. Tais arbustos, em forma de samambaia, tinha raízes fortes em forma de rede que impediam toda a sorte de outra vegetação ali crescer.

Balanço: os terrenos distribuídos se revelaram, em sua maior parte, estéreis e improdutivos; não se pode retirar, nem semear, nem se empregar à cultura de legumes. Não é possível mesmo nem se cultivar uma simples horta.

OS IMIGRANTES SUÍÇOS SÃO ASSIM SUBMETIDOS

A UMA SITUAÇÃO QUE IRONICAMENTE PODE-SE CHAMAR DE: “DA CHUVA, PARA A GOTEIRA”.

VIVE-SE UMA VERDADEIRA SITUAÇÃO DE CRISE

A ordem e a limpeza deverão ser rigorosas

Sua Excelência Miranda, inspetor da colônia, publica em março de 1820, o primeiro regulamento da colônia, com rigor inicial especialmente nas leis de higiene, da caça e da ordem pública. O Abade Joye e o Dr. Jean Babet se transformam em apoio precioso na execução deste regulamento. Há mesmo um serviço postal funcional que é assegurado por Claude Friaux, enquanto que Quévremont, um nativo francês, é nomeado comandante da polícia para garantir e manter a ordem pública.

O povoado é dividido em 5 setores administrativos que deve servir, de pronto, para garantir a segurança. Para cada setor é nomeado um responsável pela ordem, que depende diretamente do comandante da polícia.

Por fim, Miranda atribui a nacionalidade brasileira a todos os colonos e – para que a igreja seja sempre o ponto central do lugarejo – todos os protestantes que se introduziram clandestinamente no meio da colônia são convertidos ao catolicismo pelo Reverendo Joye.

A fundação oficial de “Nova Friburgo”

Apesar de o decreto do Rei D. João VI ter criado o povoamento em 3 de janeiro de 1820, o aniversário oficial da cidade foi fixado em 16 de abril de 1820. Naquele dia, com uma festa solene, foi nomeado um conselho municipal. Os novos cidadãos fizeram uma aclamação de honra ao Rei D. João VI.

Miranda queria empreender simultaneamente o desenvolvimento da cidade e a valorização das terras. Por isso, uma parte dos colonos foi chamada para fazer trabalhos (obrigatórios e sem remuneração), para a construção de infra-estrutura da cidade e a construção de uma estrada. Ainda em seu país de origem, os colonos detestavam tais serviços, pois se tratava de um trabalho do tipo medieval, de vassalagem! Afinal de contas, eles vieram para cá ganhar a sua vida e também para participar do desenvolvimento do novo país, e não para trabalhar como escravos. Miranda, em última análise, substituíra as equipes de construção por trabalho escravo.

10 de maio de 1820 Os colonos podem enfim começar a explorar as terras em volta da cidade. Milho e cenoura são semeados, e se constroem choupanas para que não seja necessário retornar a cada dia para a cidade.

Outubro de 1820 Os colonos se alegram porque todas as plantações e culturas se desenvolvem como eles tinham imaginado, antes de partirem.

A CRISE

Novembro de 1820 Aqui o clima de novembro é o mesmo daquele do velho país natal. Não obstante, a meteorologia deste mês de novembro de 1820 está totalmente louca na região de Nova Friburgo. Os violentos temporais e as frentes frias fazem com que as culturas não progridam e assim são devastadas. Os colonos voltam para a cidade totalmente desencorajados..

Quando as pessoas estão desesperadas, marcados pela pobreza e pela fome, tornam-se depressivos, ficam sujeitos à toda sorte de doenças, afundam no álcool ou ainda se entregam ao jogo. Este foi exatamente o caso dos colonos de Nova Friburgo. Muitos, dentre eles, desejaram mesmo um retorno ao país Natal.

Dezembro de 1820 Sua Excelência Miranda foi o responsável por este desastre. Ele se retira da função de inspetor da colônia.

Fevereiro de 1821 Uma delegação se dirige ao Palácio Real no Rio de Janeiro com diversas petições dos colonos.

Março de 1821 Tal situação se torna ainda pior: as ajudas de custo (pagamentos compensatórios), vindos do Rio de Janeiro, são suprimidos.

Em 26 de abril de 1821 o Rei D. João VI deixa o Brasil acompanhado de sua família e retorna à Europa. Nova Friburgo está entregue a si mesma, e o Brasil inicia a luta por sua independência

ADVENTO DA MUDANÇA

A Associação Suíça de Beneficência quer salvar a colônia

Em fins de maio de 1821, no Rio de Janeiro, um punhado de suíços funda a associação suíça de beneficência. Esta Associação tem por finalidade tirar os colonos da miséria e ajudá-los com vistas a que eles possam viver de seus próprios meios. A idéia era evitar seu retorno para a Suíça, de modo a continuar e terminar a obra começada por D. João VI.

Apelos para a concessão de donativos são feitos por toda parte, na Suíça e na Europa em geral, que acabam sendo ouvidos. Os donativos afluem abundantemente. Alimentos, roupas, instrumentos e sementes são assim enviados à colônia.

O Príncipe Herdeiro Pedro garante a continuidade da obra de seu pai

Antes que o Rei D. João VI saísse do país, ele proclama seu filho Pedro como o Regente do Reino. Este sensatamente continua a obra de seu pai: Nova Friburgo deve ser salva! O Príncipe Herdeiro nomeia João Vieira de Carvalho como o novo Diretor da Colônia e restaura novamente as ajudas de custo que tinham sido suprimidas. Novas terras são igualmente distribuídas na região de Macaé (de Cima) e a liberdade de se estabelecer onde lhes parece melhor, é decretada, beneficiando todos os colonos.

Um raio de luz

Os colonos se livram de seu desespero, e as esperanças se renovam. O espírito empreendedor e de inovação se desabrocham, e enfim cada um tem agora lotes de terra suficientes. E a alegria de viver, tanto esperada, é renovada.

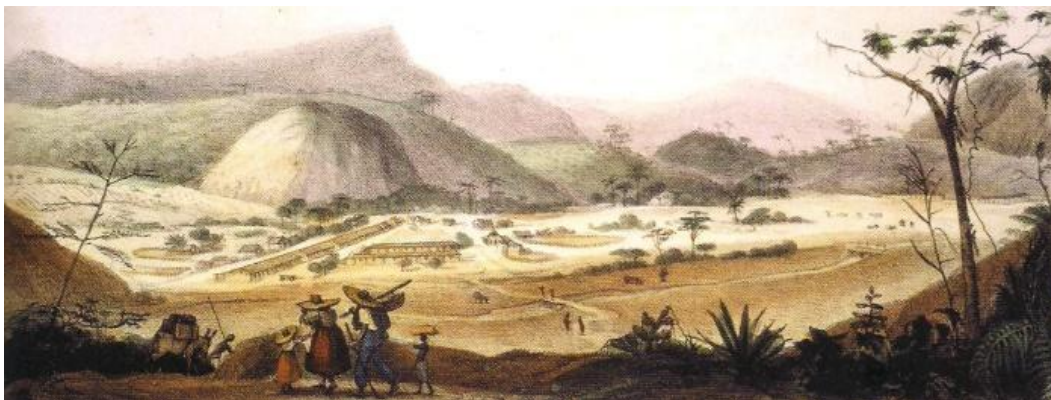


Imagem 16: Friburgo em 1825 (Jean-Baptiste Debret)

O café como salvador da crise

Muitos dos emigrantes deixaram Nova Friburgo para se alistarem nas tropas imperiais ou para se tornarem negociantes, comerciantes e artesãos na região do Rio de Janeiro, ou ainda criadores de gado nas fazendas da região.

Entretanto a esperança e o espírito empreendedor levaram uma quantidade de colonos a se estabelecer na região de Cantagalo, de Macaé (de Cima) e nas novas terras coloniais distribuídas pelo Regente Pedro. Eles queriam se tornar plantadores de café independentes, sem subvenções do Estado, e empresários independentes. Nas colinas inclinadas de Cantagalo, vastos campos de café apareceram rapidamente (o processo de amadurecimento dos grãos de café dura entre 8 e 11 meses e unicamente as plantas de 3 a 4 anos produzem frutos)

TUDO ESTÁ BEM QUANDO TERMINA BEM

Naturalmente, a história dos imigrantes suíços para Nova Friburgo continua.

Entretanto, para não se ultrapassar os objetivos deste documento, nos esforçamos para transmitir somente os fatos mais importantes.

Os relatórios entusiasmados dos produtores de café de Cantagalo provocaram, naturalmente, no velho país natal, novas vagas de emigrantes para o Brasil nos anos de 1821 a 1840.

O padre François Xavier Frotté, “*jurassien*” de Miécourt, fez parte destes novos imigrantes. Juntaram-se aos compatriotas já estabelecidos na região, fundando a pequena cidade de Santa Maria Madalena.

Colonos alemães vieram igualmente a se estabelecer em Nova Friburgo e fundaram muitas empresas artesanais e industriais.

A história de sucesso de Nova Friburgo e seu agradável clima de montanha atraiu numerosas pessoas vindas do mundo inteiro. Foi assim que surgiram estradas, uma linha férrea, escolas renomadas e empresas industriais.

Hoje Nova Friburgo é uma grande cidade de 180.000 habitantes. Paralelamente ao desenvolvimento do turismo, Nova Friburgo é um centro agrícola importante. Na região se cultivam principalmente legumes, há criação de gado e especialistas em carne de peru. Um outro ramo da economia que tomou formidável impulso foi a indústria têxtil, na qual numerosas fábricas de lingerie fina (roupas íntimas) se desenvolveram como cogumelos!

Em 1973, Martin Nicoulin publicou, como tese de doutorado na Universidade de Fribourg, o livro intitulado “*A origem de Nova Friburgo*”. Esta obra teve como consequência despertar, em cada lado do oceano, a história destes friburguenses suíços emigrados. Em 1977, um primeiro encontro foi organizado e a população de Nova Friburgo recebeu 261 friburguenses (da Suíça). Este encontro permitiu aos primos brasileiros redescobrir suas raízes e origens. Em seguida, as associações irmãs Fribourg-Nova Friburgo foram fundadas. Desde então encontros importantes tiveram lugar e atualmente uma corrente constante de viajantes se processa nos dois sentidos. Desse modo, belas e inesquecíveis amizades apareceram e se desenvolvem profundamente entre os habitantes do velho e do novo continente.



Imagem 17: Nova Friburgo hoje

REFERÊNCIAS

Como fonte principal da narrativa, foi utilizada a brochura seguinte:

- *Wermelinger-Monnerat, Alberto Lima Abib*: “...E os suíços chegaram”, tradução francesa de Marcel Auguste Schuwey “...Et les suisses arrivèrent”, 2005; tradução alemã de Fritz Friedli “...Und die Schweizer kamen”, 2005.

As datas exatas e as informações complementares foram encontradas nas obras seguintes:

- *Nicoulin, Martin* “La Gênese de Nova Friburgo”: Emigration et colonisation suisse au Brésil 1817-1827, Edition Universitaires Fribourg Suisse, 2005, 6ème édition
- *Association Fribourg-Nova Friburgo (texte: Nicoulin, Martin)* “Aventures des suisses à Nova Friburgo”, bibliothèque universitaire cantonale de Fribourg
- *Dictionnaire historique de la Suisse sur internet*; consulta efetuada em 01.08.2010.
 - “Heimatlos – Sans patrie”, <http://hls-dhs-dss.ch/textes/f/F16093.php>
 - “Gachet, Nicolas Sébastien”, <http://hls-dhs-dss.ch/textes/f/F45926.php>
 - “Brémond, Jean Baptiste Jerome”, <http://hls-dhs-dss.ch/textes/f/F28583.php>
 - “Brésil – immigration”, <http://hls-dhs-dss.ch/textes/f/F3393-1-2.php>
 - “Amérique Latine – flux migratoire”, <http://hls-dhs-dss.ch/textes/f/F28923-1-2.php>
 - “Fribourg, canton – société économie et culture aux 19ème et 20ème siècle – démographie et peuplement”: <http://hls-dhs-dss.ch/textes/F7379-1-5.php>
 - “emigration”: <http://hls-dhs-dss.ch/textes/f/F7988.php>
 - “politique démographique”, <http://hls-dhs-dss.ch/textes/f/F7987.php>
 - e muitos outras consultas detalhadas
- *Wikipédia, a enciclopédia livre na internet*
 - “Tambora”, a erupção de 1815. consultado em 01.08.2010 http://fr.wikipedia.org/wiki/Tambora#L'éruption_1815
 - “l'année sans été”, causas, detalhes, consequências; consultado em 01.08.2010 <http://fr.wikipedia.org/wiki/année.sans.été>
 - “1816” a natureza e o meio ambiente; consultado em 01.08.2010 http://fr.wikipedia.org/wiki/1816#nature_et_environment
 - “liste des intempéries en Europe” (ver na tabela “1816 / ano sem verão / invernoVulcânico”; consultado em 1.8.2010 http://fr.wikipedia.org/wiki/Liste_de_catastrophes_climatiques
 - “émigration”; <http://fr.wikipedia.org/wiki/%C3%89migr%C3%A9>
- *Rammacher, Wolfgang* “1819 – L'année sans été”, 2004, consulta em alemão em 01.08.2010 <http://www.winterplanet.de/Sommer1816/Jos-Teil1.html>
- *Archives de l'Etat de Lucern* “L'émigration lucernoise vers Nova Friburgo au Brésil en 1819”, consulta em alemão em 01.08.2010 http://www.staatsarchiv.lu.ch/index/schaufenster/geschichten_bilder/nova_friburgo.htm
- *Pro Migratio* “L'histoire de la migration em Suisse”; consulta em alemão em 01.08.2010 http://www.g26.ch/migratio_geschichte_01.html

Autres Sources utilisées:

- *Vanessa Arias, Sophie Grangier, David Tschanz, Sandro Lorente*: “Nova Friburgo – comment des liens entre Fribourg et Nova Friburgo ont-ils pu renouer?” trabalho de fim de estudos (formatura)

ÍNDICE DAS IMAGENS

- Imagem 1: O Tambora na península Sanggar. No alto, à direita, o Vesúvio perto de Nápoles, na mesma escala, para comparação (Wikipédia, Tambora)4
- Imagem 2: Diferenças de temperatura entre a temperatura média em Karlsruhe 1801-30; em 1916, como se pode observar, estava 3 graus inferior à normal (Rammacher W. – ver dados sobre as diferenças)5
- Imagem 3: Dordrecht no delta do Rio Meuse e do Rio Reno, com seus seis rios, foi a etapa de espera dos emigrantes para Nova Friburgo (A imagem mostra Dordrecht da Idade Média) – Dicionários e Enciclopédias Acadêmicos – <http://de.academic.ru/>.....5
- Imagem 4: cabeçalho do documento “Regulamento para a travessia dos emigrantes suíços para o Brasil” (website dos Arquivos de Estado de Lucerna) ...6
- Imagem 5: D. João VI (tela de Jean-Baptiste Debret) – Wikimedia Commons7
- Imagem 6: A fazenda de Morro Queimado à época da emigração (rejanzebende.blogspot.com)8
- Imagem 7: Sua Escelência Miranda (araduca.blogspot.com)8
- Imagem 8: Passaporte expedido pela Direction de la Police à Fribourg para o emigrante Nidegger e seu filho (Archives de l’État du canton de Fribourg)9
- Imagem 9: de Estavayer-le-Lac (pintura de autor desconhecido – Musée d’Art et d’Histoire, FR)10
- Imagem 10: Dordrecht, na Holanda.....10
- Imagem 11: O Rio de Janeiro no ano de 1820 (designkultur.wordpress.com).....11
- Imagem 12: A rota fluvial e pedestre utilizada pelos colonos, a partir do Rio de Janeiro, passando por Cachoeiras de Macacu (58m de altitude), para se atingir Nova Friburgo (846m de altitude).....12
- Imagem 13: As ruínas do mosteiro em Macacú. Ali se instalou um hospital de campanha (dr-sergio Soares.blogspot.com)13
- Imagem 14: A rota através da montanha e da floresta tropical(JlSteinmann, Berna – Biblioteca Nacional Suíça).....13
- Imagem 15: A localização da Colônia de Nova Friburgo14
- Imagem 16: Friburgo em 1825 (Jean-Baptiste Debret)16
- Imagem 17: Nova Friburgo hoje17